O OVARENSE

JORNAL DO PARTIDO PROGRESSISTA

N.º 272 | **Assignaturas** Anno... 1$000 réis | Semestre. 500 réis Com estampilha, (anno).. 1$200 réis Numero avulso. 40 réis | *Domingo 16 de Setembro de 1888* | **Publicações** Annuncios e communicados, linha.. 50 réis Repetição..... 25 réis Os srs. assignantes teem o desconto de 25 %. | 6.º ANNO

Exm.º sr. Morgado Moraes Ferreira VALLEGA

PARA A HISTORIA D'OVAR

Quantias, que desappareceram, sem se saber para onde o sr. Aralla as mandou:

Dos canudos da sr.ª camara.....	28$492
Dos pescadores....	90$000
De lenha durante 1886.....	408$770
Valor de pinheiros levados gratuitamente da Estrumada para a casa, em construcção, do irmão do ex-vice-presidente da Camara, como se vê de repetidas affirmações d'um antigo *correspondente* d'esta Villa para o *Jornal de Estarreja*.....	800$000
De multa recebida de Antonio Borges d'Almeida, de Vallega.....	2$000
	1:329$262

Somma e segue porque tudo ha-de vir a lume.

OVAR, 15 DE SETEMBRO DE 1888

A LEI DO RECRUTAMENTO

Um dos effeitos perniciosos, dizem, da nova lei do recrutamento é o fornecer elementos à emigração clandestina. Acham que ha *extrema similhança* entre a emigração clandestina e o contrabando, com a differença unica de mercadorias; e assim como o contrabando é maior quanto mais exigente é a lei fiscal, assim tambem o *contrabando humano* ha-de ser maior com o rigor da nova lei de recrutamento. E', dizem ainda, uma lei natural que a maior vigilancia por parte do Estado não poderá revogar. Suppunhamos que é assim; suppunhamos que ha *extrema similhança* entre o contrabando e a emigração clandestina e aceitemos isso como verdadeiro. N'este cazo, o que diz o *orgão* equivale a reconhecer que a nova lei tomou medidas importantes e rigorosas para cohibir essa corrente que se estabeleceu entre Portugal e a America, para a qual ha muito se pede providencias, porque todos a reputam má e prejudicial. Ora este é que é o verdadeiro mal; não é d'hoje nem d'hontem, é de muitos e muitos annos esta tendencia para abandonar o paiz e ir procurar longe os favores d'essa deusa caprichosa a que chamam a Fortuna. Já nos seculos passados, os portuguezes se tornaram notaveis pela sua ousadia e temeridade indo procurar a riqueza em paizes desconhecidos; levava-os a isso a nossa posição geographica, porque o mar se lhes apresentava como um eterno convite ás aventuras. Terá a emigração ahi o seu fundamento? Se assim é, resulta ella de um facto natural difficil ou quasi impossivel de cohibir. Seja como fôr, o que é facto é que a emigração se dá, com sensivel prejuizo das industrias e sobre-tudo da agricola pela falta de braços; e ainda com notavel desproporção entre as esperanças dos que vão e a realidade dos que voltam, porque, a maior parte regressa pobre como foi, um pequeno numero traz com que viver e muito poucos em condições de passarem o resto da vida na independencia. Não obstante a dura licção da realidade dos factos, a tendencia para emigrar não diminue, antes é favorecida e alimentada por algumas agencias espalhadas pelo paiz. Para este mal, que é antigo, ha muito se pedia remedio aos governos, mas nenhum ainda até hoje tinha lançado as suas vistas para este assumpto, da mesma forma que as não tinha lançado para outros de não menor importancia. Ha meio de impedir a emigração? não ha, seguramente; apenas pode crear-se-lhe obstaculos e um d'esses é a lei do recrutamento. A antiga lei tinha, como todas, a sua sancção; apezar d'isso os mancebos illudiam-na, tal era a tendencia para abandonarem o paiz. O actual governo, attendendo ás reclamações da opinião publica a respeito da emigração, tornou as disposições penaes mais rigorosas; andou mal? parece-nos que não. Aceitando a comparação do *orgão*, vejamos: quando o contrabando de um genero qualquer está prejudicando o Estado, o governo toma medidas rigorosas, estabelece uma pesada sancção nas leis fiscaes com o fim de proteger o thesouro. O contrabando deixa de fazer-se por um certo modo, mas a industria particular, aguçada pelo desejo do ganho, descobre logo outros processos para illudir a lei e o contrabando continua. Apezar d'isto, o governo andou mal? não, decerto; o verdadeiro mal é o contrabando e não a forma como elle se faz; aquelle ha-de existir emquanto houver no espirito do homem o desejo insaciavel do lucro; mas nem por isso deixa de ser louvavel qualquer medida de que o governo lance mão para o evitar, creando-lhe embaraços. No cazo que se debate, o verdadeiro mal è a emigração e não a forma como ella se faz, embora condemnemos a clandestina, como condemnamos o contrabando e todas as infracções da lei.

A emigração, porem, ha-de dar-se emquanto no espirito do povo houver esta tendencia natural, que a dura licção dos annos não tem modificado. Mas qualquer medida que o governo tome para embaraçal-a é digna de louvor, porque tende a evitar um mal. Estão n'este cazo as disposições da nova lei do recrutamento. O *orgão*, admittindo aquella comparação, ha-de admittir estas conclusões.

Para acabar com a emigração clandestina diz o *orgão:*

«Só o remedio, tantas vezes proscripto para o contrabando propriamente dicto, poderia annular esses damnosos effeitos, mas o remedio acaba de ser posto de parte com a nova lei do recrutamento».

Ora para o contrabando só ha um remedio efficaz e radical —abolir as alfandegas—Desde que se abrisse às mercadorias as nossas portas, de par a par, não haveria contrabando. Os resultados e as perturbações, que isso traria, andam por ahi descriptos em todos os tratados de Economia Politica. Em vista da comparação feita pelo *orgão*, o remedio para acabar com a emigração clandestina era acabar com o recrutamento e abrir os nossos portos a todos os mancebos que quizessem abandonar a patria. A emigração clandestina acabava realmente; mas estava resolvido o problema? Não, pelo contrario, o mal augmentava. Hoje, embora muitos mancebos illudam a lei, ainda muitos outros ficam no paiz por obediencia ás suas disposições, e nós vamos approveitando o seu trabalho. Desde que se abolissem esses obstaculos, a corrente de emigrantes seria muito maior e os resultados são faceis de prever.

Pense o *orgão* n'isto.

O emprestimo

O ultimo emprestimo foi mais um triumpho para o illustre ministro da fazenda, sr. conselheiro Marianno de Carvalho, e mais uma prova de quanto tem melhorado o nosso estado financeiro durante a gerencia progressista. Não obstante as tentativas dos portadores do emprestimo de D. Miguel, uns editaes affixados, e um folheto escripto em francez, mas talvez impresso em Lisboa, o pedido foi coberto muitas vezes. Não ha melhor resposta para os choramigas de contrabando do que a logica irrefutavel dos factos. Alguns dos principaes mercados extrangeiros, onde os nossos papeis de credito não eram recebidos, procuram-os agora, e as operações financeiras realisam-se com um exito brilhante, como o ultimo emprestimo. Os capitalistas pretendem os titulos da divida publica portugueza porque entendem que o seu dinheiro está alli bem garantido, e ainda até hoje não tinhamos merecido no extrangeiro a confiança que estamos merecendo. Estes factos são outras tantas provas, que mostram quanto vamos melhorando, graças ao zelo e competencia do sr. conselheiro Marianno de Carvalho. A nossa situação financeira, se não é completamente boa, é muitissimo melhor do que na epocha em que sahio do poder a ultima situação regeneradora. E' com estes factos que se dá a melhor resposta ás accusações da opposição.

VERSOS E PROSAS

Poema de Amor

* * *

XIV

Ella morreu! Foi p'r'a valle,
vestida a branco velludo.
O coveiro carrancudo
sepultou-a em roseiraes.
O meu coração estala,
vendo fugir-lhe a alegria.
Eu ria quando ella ria;
agora não rio mais.

De mãos postas, mesta e grave,
ia no caixão estreito,
com o cabello desfeito
sobre os hombros virginaes.
Teve o enterro d'uma ave,
que é sepulta em mouta brava.
Cantava, se ella cantava;
agora não canto mais.

Teve o latim dos cypreste
e a agua benta do orvalho;
cobriu-a o quente agasalho
dos bons lyrios fraternaes.
Mas os seus olhos celestes,
olhos pretos, de velludo,
fecharam-se para tudo;
agora não vejo mais.

Curvei-me para beijal-a
pela derradeira vez.
Descerrou com languidez
inda os labios triumphaes.
Tragou-a depois a valla
friamente, com desdem.
Se ella chorava, eu tambem;
agora não choro mais.

Morreu pelo frio outomno,
quando as andorinhas vão
sul abaixo, e o canto-chão
do vento acorda os pinhaes.
No seu derradeiro somno
até receio acordal-a!
Por isso fujo da valla
e agora não vivo mais.

Ovar.

ANGELO.

Scherzos

NOTAS DA SEMANA

O S. Paio da Torreira! ... Lembro-me ainda d'elle, como se fosse hoje. Reinava a esse tempo n'esta Villa aquelle choradinho, (não confundir com o fado), aquelle choradinho *leão* do Matto-Grosso. Estava no auge do seu fastigio e na mocidade da sua tyrannia.

Então o S. Paio era divertidissimo, impando de alegria, apimentado de ditos de duvidoso perfume, que escancaravam as risadas d'essa boa gente aldeã, que vinha a saltar, a dançar, lá de cima, villa fóra, até ao caes da Ribeira.

A ria coalhava-se de barcos enbandeirados, com suas velas latinas palpitando a toda a largura e, na proa um pouco erguida e recurva como bico de papagaio

voltado, dois magnificos cornos de carneiro destacavam-se soberbamente, como um desafio e como uma arrelia, e quem sabe se lembrando a um ou outro infiel, conjugalmente fallando, que talvez Pythagoras tivesse razão com a sua theoria das transmigrações, porque é possivel que a alma d'um carneiro, com todos os seus accessorios, peregrine no corpo d'um homem...

Logo de manhã, cedo, as ruas que saem da Praça golphavam sobre ella torrentes de romeiros, com os seus trajes variegados:— as moças todas arremangadas, a apertar as ancas largas e rijas cintos de cor com borlas pendentes, os seios volumosos a arfar sob a frescura branca da camisa de linho, os lenços garridos de ramagens vistosas atados sobre a nuca e das orelhas pendendo as pesadas arrecadas; e os moços de jaquetão ao hombro, o raminho de mangericão no braço da viola ou entalado na orelha esquerda, a sua calça de linho, muito lavada, justa á perna...

E cada grupo, um maior outro menor, com um velho a commandar, bivaqueava na Praça, depois d'uma dança muito animada, muito batida de palmas e lavada de cantigas, um tudonada aphrodisiaca, vamos lá.

Tenho saudades d'esse tempo, podem Vocencias acreditar. E tenho saudades, porque tambem eu fui ao S. Paio esparzjar a minha mocidade descuidada e á volta com os outros, os alegres e espalhafatosos companheiros de romagem, tambem vim arrematando, (hum!... que cheiro!) as consciencias do sr. Aralla e d'esse rebanho doido de pequeninos fragateiros, que balam á roda do pastor Aralla por um bom casamento ou por uma posição rendosa...

E de mais a recordação do aspecto da ria, cortada de barcos abarrotando de passageiros a cantar e a gargalhar estrondosamente, resurge-me uma momentanea alegria, bem saboreada. Quando um barco galgava a deanteira a outro, esmagava-o com apupos e apontava-lhe victoriosamente os cornos de carneiro no bico da proa, como um tropheo riquissimo, alguma coisa de aureola de santo, celebrado por uma paciencia sem limites.

A esse tempo, como já tive a honra de dizel-o, o sr. Aralla assoalhava a sua opulencia, á porta do sr. Joaquim Ferreira, quando os grupos voltavam da festa e pela ultima vez atroavam os cantos da Praça com os seus cantares vivos, palpitantes. E o que era para muito assombro era vel-o entreabrir um pequenino sorriso, elle, o tyranno de D. Rita, o heroe dos fuzilamentos de Arada, o commandante da eleição dos rijões, e o general da companha das bombas, quando um ou outro moço mais destravado de lingua, aleiloava a consciencia do sr. Aralla!

Agora tudo é morto. Nem passou este anno gente que valha a pena mencionar! O S. Paio já não é S. Paio, porque tambem o sr. Aralla já não é sr. Aralla.

E todavia ainda houve quem viesse arrematando a consciencia do sr. Aralla e a consciencia d'esses pequeninos fragateiros, que grunhem ao redor d'elle, quem viesse arrematando-as, servindo-se para tanto, não de periphrases arredondadas, mas da palavra genuinamente portugueza, que não póde ouvir-se sem a gente levar o lenço ao nariz e que não poderei reproduzir aqui pela razão simplicissima de que não sei o alphabeto chinez.

João Varino.

SECÇÃO NOTICIOSA

NOTICIAS DIVERSAS

Furadouro — Animadissima, a nossa praia. As cazas estão todas arrendadas e a maior parte d'ellas já habitadas; o resto sel-o-ha em breve. Na assemblea dança-se todas as noutes. Entre as muitas pessoas que estão a banhos lembram-nos as seguintes: Srs. dr. Francisco Ferreira d'Araujo e familia; Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu e familia; José Duarte Pereira do Amaral e familia; dr. Augusto Barboza e familia; D. Maria Mafalda Camello e familia; dr. Manoel Gomes Duarte Pereira Coentro e familia; Manoel Maria Camarinha Abragão e familia; Ivo da Gama; dr. José Maria de Sá Fernandes; dr. Antonio Mesquita, do Porto; dr. Francisco Mesquita, delegado em Oliveira d'Azemeis; dr. Antonio Augusto d'Araujo Mello, advogado na Villa da Feira, e familia; Thomaz da Silva Correa Dias e familia; José Ferreira Carvalho e familia, do Couto de Cucujães; dr. Nogueira Souto, juiz do tribunal administrativo de Lisboa; dr. Bento José Pinto da Motta, juiz em Penafiel; dr. Abino Antonio Leite de Rezende, juiz em Pombal; Nogueira Souto, estudante da Eschola Medico-cirurgica do Porto; Antonio Joaquim de Mattos, facultativo em Oliveira d'Azemeis, e familia; João Rodrigues d'Oliveira Santos e familia, de S. Vicente de Pereira; Manuel Gomes da Costa, fiscal de via e obras, e familia, d'Ovar; João José Pinto Camello Coelho, escrivão de Direito em Agueda, e familia; João Huet de Bacellar, escrivão de fazenda na Feira, e familia; Augusto da Cunha Leitão, pharmaceutico em Oliveira d'Azemeis; Augusto d'Oliveira Gomes e familia; José de Souza Azevedo; José Pereira Junior, contador da comarca e familia; Padre Manoel d'Oliveira Baptista; Padre Francisco Correa Vermelho; Acacio de Barros, escrivão de Direito em Villa Nova d'Ourem; dr. José Maria d'Abreu Freire e familia; Castro, estudante da Eschola medico-cirurgica do Porto; Ferraz Bravo e familia; Carneiro Bastos, d'Oliveira d'Azemeis; D. Clara de Mattos e familia, de Macieira de Cambra; familia Holstein, do Porto; familia Bandeira, d'Ovar; familia Mendonça, de Vallega; D. Anna Bravo e familia, d'Oliveira de Azemeis; Antonio Pereira Maginá e familia, de Vallega, etc.

Muitas outras pessoas de que é impossivel recordar-nos concorreram este anno á nossa praia.

Dr. Mattoso—O sr. dr. Francisco de Castro Mattoso, illustre deputado por Coimbra e integerrimo juiz da Relação de Lisboa, partio de Espinho para a sua caza da Oliveirinha, d'onde seguirá para a Figueira, em visita ao sr. presidente do conselho.

A' palmatoria —E' ainda o caso da vistoria. Pois, senhores, aquelle triste idiota do *organista*,

que do pae anda na pista,

já não é o *doitor do sr. Izé*, sáiu-se um pobre doutor da mala russa. Escreve *cifra* com c cedilhado, mede com o dedo os periodos que lhe cachoam na cachimonia (uf...), como se isto de escrever seja vinho que se meça, e conta os centenarios camoneanos de 10 em 10 annos. Sae ao pae o diabo do rapaz, mas um tanto mais burro, louvado seja Nosso Senhor!

Falla na N. Reforma Judicial, como se tractasse d'um trafego de vinhos ou d'um repartir do cóio em dia de pesca!

Não quer que chamemos vistoria a um acto judicial, requerido pelo sr. *Izé*, com nomeação de peritos para verificar se elle fez ou não passadiços á sua porta sobre a valleta da estrada que segue d'Ovar para Vallega; e chama-lhe elle exame de delicto directo.

Tem graça!

E' preciso saber-se que em transgressões de leis ou regulamentos administrativos o corpo de delicto está na participação da auctoridade competente. Aqui tracta-se da falta da licença para a construcção. Que podem dizer os peritos sobre isto? A prova não está na participação de que o transgressor construiu sem licença? Obteve *elle* certidão de que realmente requereu licença e a obteve?

Mas supponhamos que o acto seja corpo de delicto directo? Como é que o reu nomeia pelo seu lado um perito? Pois o corpo de delicto não é de segredo da justiça? Não pertence exclusivamente e só ao juiz nomear os peritos que devem intervir n'esse acto?

E sendo o corpo de delicto directo nullidade insanavel, nos termos do art.º 901.º da N. R. J., como é que o reu, cujo interesse seria annullar o processo, e de facto para isso tem suado até ao Supremo Tribunal, (pobre *Izé!*) vem requerer para se sanar essa nullidade?

E ainda supponhamos que seja simples exame directo (sic). Como é que o sr. Juiz espaça o julgamento da causa por mais de 24 horas, contra o expressamente disposto no art.º 1:253 da citada N. R. J.?

Ora o pobre idiota! Accusado pelo sr. Aralla, salvo seja, deixa-se agora illudir pelos conselhos d'elle.

Arre p'r'a eschola, animal! Tómache!...

Recordação de farçada —Fez no dia 13 trez annos que o destacamento de cavallaria, estacionado n'esta villa, andou em vergonhosas correrias á ordem do sr. Aralla. Quiz assim o chefe regenerador expôr ao publico a prova irrefutavel da sua fraqueza e do seu medo; pretendeu assustar os adversarios, inutilisal-os pelo terror, mas só conseguio augmentar o ridiculo em que tinha já cahido.

Que bella farçada aquella!

Rico sr. Aralla, quando dá para a desanda...

Porteira—Os jornaes do Porto contam mais uma proeza do cidadão Porteira, ou Manuel d'Oliveira Craveiro. O rapaz estava *regenerado*, diziam, e tanto que lhe deram um logar proeminente no partido *regenerador* cá da villa.

O cidadão chegára a sentar praça no bando e era um dos mais importantes arautos.

E que bella vóz, quando annunciava ás *gentes* a queda do governo! pregador á altura! e que modos quando com ar prophetico contava os desastres da situação! Nada, o rapaz era inteiramente outro. E os mais graves deram-lhe aceitação, os mais seguros protegeram-no, os mais acautellados affiançaram-no! Oh politica, a quanto obrigas! O cidadão, porem, quiz pagar bem a um dos que o protegiam e falsificou a firma do sr. Cerveira, negociante na praça. D'esta forma conseguio obter fazendas nos estabelecimentos onde o sr. Cerveira se fornecia; algumas foram empenhadas e outras deviam ser vendidas. Descobrio-se o logro e a policia *ferrou* com elle no Aljube, incommunicavel. O cidadão confessou o crime. Como o cidadão Porteira tem tambem de responder pela proeza de Alijó e tem no registo criminal varias nodoas, é de crer que receba um premio condigno.

E que perda para o partido!

Ora o cidadão!

Serenata — Um grupo de rapazes sympathicos e apreciaveis projecta ir em breve, pelas bellas noutes de lua cheia, dar uma serenata aos banhistas do Furadouro. Teem para esse fim ensaiado alguns trechos de musica muito escolhidos. E assim formar-se-ha um conjuncto de vagas gemedoras, harmonias d'orchestra, luar de prata...

Aviso ás Julietas scismadoras.

Questão medica —Querem que discutamos os merecimentos e mais partes que concorrem no cavalheiro Zé, que o sr. Cavilha parece ter hospedado perpetuamente, por uma caridade saída do fundo das antigas sobras do cofre municipal.

E' indiscutivel esse Zé cavalheiro, que a desgraça encurralou n'esse bando de Zés, não menos illustres cavalheiros... De industria, já uma vez o dissemos, não discutimos o caso; a pessoa etc. do Zé fica bem á margem. O que havemos de discutir é o amontoado de disparates, feitos em exames de seria gravidade, que ficam registados nos annaes d'esta comarca como crimes confessados e ainda não contestados. E tanto que havemos de aprofundar o assumpto sem cuidar de que foi o cavalheiro Zé ou outro Zé cavalheiro o perpetrador de monstruosos crimes n'um ferido, e, portanto, a causa por ventura inconsciente de se pronunciarem sem fiança dois homens.

E' uma questão de lesa-sciencia e lesa-legalidade, mais nada.

Mas o sr. Aralla despeja no *orgão* as gastas e rançosas calumniasitas a proposito da questão e isso com o consentimento d'aquelle pobre idiota do *director* do referido *orgão*, de quem temos aqui tantas vezes publicado uma dedicatoria n'um retracto, na qual *elle* chama salvador ao sr. dr. Cunha e a este se confessa eternamente grato!

Boa gratidão, não ha duvida! Pois continue o sr. Aralla que nunca conseguirá enlabusar com insidias a força probatoria dos documentos, com que havemos de mostrar que os peritos questionados commetteram um gravissimo attentado, novo n'esta comarca.

Erraram ou não erraram? Erraram. De boa ou de má fé? Não sabemos nem queremos saber. Está posta a questão n'este pé, d'onde não se pode fugir. Quer o do *orgão* tractal-a nos seus verdadeiros termos? Não quer? Deixal-o, coitadito! —que isso pouco importa. Só d'uma ou d'outra vez, lhe iremos bradando:—Toma a estrada, animal, *branco*, preto ou o que és!?

De volta—Está entre nós, de volta de uma viagem ao extrangeiro, o nosso patricio e amigo, sr. Augusto d'Oliveira Gomes. *Brazileiro* sem *pose*, bom cavaqueador sem abrir as vogaes, janota sem requintes, torna-se, por isso, um cavalheiro muito apreciavel. Voltou agora, depois de percorrer algumas das principaes cidades da Europa, e tem ainda a grande qualidade de ser viajante e não contar pêtas. Tudo o que vio, foi bonito, mas...Paris, aquella grande cidade de Paris com cafês... Ah que é de entontecer um velho, quanto mais um rapaz em todo o fogo da mocidade. Terminamos aqui porque somos discretos. Um aperto de mão ao sympathico viajante.

Boulanger —A proposito da estada do *brav'general* no Porto, conta nos o seguinte uma testemunha insuspeita:

O sr. Aralla, apenas soube que o ex-ministro francez estava na cidade invicta, resolveu ir cumprimental-o.

—E' do meu dever, dizia elle com os seus botões, parado no meio do escriptorio, olhos fitos no soalho, mão esquerda no bolso das calças, e charuto entre o maximo e index da direita. E' meu irmão pelo infortunio; somos dois incomprehendidos, dois dictadores...

E' necessario ir lá; não quero que se diga que passou pelo norte do paiz e que não lhe fallei...

O peor é que eu não o percebo.

Elle não falla portuguez; eu, a respeito de francez...é como se fosse grego...

E aqui coçou a nuca.

—Eu sei algumas palavritas que pilhei a dente lá por Lisboa, mas é pouco...Verdade é que posso fazer cá um programma, pedir a alguem que o verta para francez e decoral-o.

Deu alguns passos torcendo a pera.

—Chego ao Grande Hotel e peço para fallar ao grande homem; elle vem e eu digo-lhe:—Vocellencia é que é *monsiu* general Boulanger?—Elle nega, mas eu logo:—Oui, oui, je vos conheço perfeitamente. Elle torna a negar; eu digo lhe com intimativa:—Oui, oui, oui, e oui!—Em vista d'isto o homem confessa, mas pede-me segredo. Então fallo eu:

—Oh monsiù, je suis discreto: je suis mudo comme o fundo d'um poço. Je venho fazer-vos os meus cumprimentos; nous sommes dois desventurados, a quem la fatalité persegue.

Vous futes ministro e já commandastes tropa em...em...não me lembra agora; je fui deputado e já commandei tropa fandanga. A present vous etes apeado; je suis tambem apeado; vous voulez etre dictador, je veme tambem etre dictador. Oh que similhança, monsiù, que similhança!

Aqui diz elle:—ah mas o futuro...—Eu corto logo, não vá elle fazer me alguma pergunta, a que não saiba responder.—Oui, monsiù, oui, o futuro. Mais comme contaes vós com o futuro?

Ora agora aqui toma elle a palavra e começa a fallar; eu vou abanando a cabeça, como quem percebe; quando se callar, digo-lhe:—Oui, oui, monsiù, com licença. Aperto-lhe a mão e saio.

Em seguida o sr. Aralla passou isto ao papel e escreveu a seguinte carta:—Meu caro amigo. Peço-lhe o favor de me verter isso para francez, mas escreva as palavras como devem pronunciar-se e não como realmente se escrovem. Seu etc.

Afinal todo este trabalho ficou prejudicado, porque o general sahio do Porto logo no dia em que o sr. Aralla formou tenção de o ir ver

Para Pariz —O sr. José Correa Dias partio para Pariz, onde vae cursar a faculdade de medicina.

João Sucena—O nosso amigo e honrado commerciante d'esta villa, o sr. João de Freitas Sucena, abrio este anno um estabelecimento de fazendas em Espinho, onde, ao que nos consta, tem feito bom negocio. Estimamos deveras.

Chafariz — Feio, porco e inutil, o mono. Agora, como o tempo tem corrido mais seco, apenas lagrimeja umas miseras gotas d'agua. Gastou se muitos contos de reis para fazer uma obra d'aquellas. Foi buscar-se a agua, pouca e de má qualidade, a um sitio, quando a opinião publica indicava outro, onde era abundante e boa. Muito bom administrador foi o sr Aralla!